

FACULDADE NOVA ESPERANÇA DE MOSSORÓ – FACENE-RN
CURSO DE BACHARELADO EM ENFERMAGEM

SANDYELLY MADJA DA COSTA BEZERRA

**A PARTICIPAÇÃO DO ENFERMEIRO DA ATENÇÃO BÁSICA NO ATENDIMENTO
OU RASTREIO AO PACIENTE COM TRANSTORNO ESPECTRO AUTISTA**

MOSSORÓ/RN

2021

SANDYELLY MADJA DA COSTA BEZERRA

**A PARTICIPAÇÃO DO ENFERMEIRO DA ATENÇÃO BÁSICA NO ATENDIMENTO
OU RASTREIO AO PACIENTE COM TRANSTORNO ESPECTRO AUTISTA.**

Trabalho de Conclusão de Curso Apresentado a Faculdade Nova Esperança de Mossoró (FACENE-RN) como exigência para obtenção do título de bacharela em Enfermagem.

Orientadora: Profa. Mestra Jamile Rodrigues Cosme de Holanda.

MOSSORÓ/RN

2021

Faculdade Nova Esperança de Mossoró/RN – FACENE/RN.
Catalogação da Publicação na Fonte. FACENE/RN – Biblioteca Sant'Ana.

B574p Bezerra, Sandyelly Madja da Costa.

A participação do enfermeiro da atenção básica no atendimento ou rastreio ao paciente com transtorno espectro autista / Sandyelly Madja da Costa Bezerra. – Mossoró, 2021.

38 f. : il.

Orientadora: Prof. Ma. Jamile Rodrigues Cosme de Holanda.

Monografia (Graduação em Enfermagem) – Faculdade Nova Esperança de Mossoró.

1. Transtorno autístico. 2. Assistência. 3. Saúde comunitária. I. Holanda, Jamile Rodrigues Cosme de. II. Título.

CDU 616-083:616.89-008

SANDYELLY MADJA DA COSTA BEZERRA

**A PARTICIPAÇÃO DO ENFERMEIRO DA ATENÇÃO BÁSICA NO ATENDIMENTO
OU RASTREIO AO PACIENTE COM TRANSTORNO ESPECTRO AUTISTA.**

Monografia apresentada a Faculdade Nova Esperança de Mossoró (FACENE-RN) pela aluna Sandyelly Madja da Costa Bezerra para a obtenção do título de Bacharela em Enfermagem, tendo obtido o conceito de _____, conforme a apreciação da banca examinadora constituída pelos professores.

Aprovado em: _____ / _____ / 2021.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Ma. Jamile Rodrigues Cosme de Holanda (FACENE\RN)
Orientadora

Prof. Dra. Sibebe Lima da Costa Dantas
Membro Examinadora

Prof. Ma. Lívia Helena Morais de Freitas Melo
Membro Examinadora

Dedico a meu irmão Reuben Neto; a minha família; a meu filho Athos; a Deus, por permitir chegar até aqui.

Agradecimentos

A Deus, por ter me permitido, diante de tantas adversidades, chegar ao dia de hoje, pela saúde que nunca faltou, para poder lutar pelos meus objetivos.

A minha mãe e maior incentivadora, Sandezia Costa, que não mediu esforços para que eu realizasse esse sonho.

A meu pai, Wellen Bezerra, pelos incentivos e por não duvidar da minha capacidade.

A meu filho, Athos Rebouças, é por você que eu busco um futuro promissor, para tornar viável a realização dos seus sonhos.

A meu esposo, Alexssandro Rebouças, pela paciência e compreensão, pelas ausências e renúncias dos nossos momentos em família.

Aos docentes que compartilharam seus conhecimentos com dedicação e humildade durante toda a jornada acadêmica.

A minha orientadora, Jamile Rodrigues, pela paciência, dedicação e disponibilidade. Você certamente foi primordial para esse resultado.

A meus colegas de sala, por todos os momentos juntos.

A Karlliele Maia, pela ajuda com interpretação das leituras e Luanderson Dantas, por ceder, durante meses, equipamento eletrônico, tornando a construção desse trabalho viável.

Minha gratidão a todos por tanto.

RESUMO

A participação do enfermeiro da atenção básica no atendimento ou rastreio ao paciente com transtorno espectro autista é um trabalho de revisão narrativa integrativa do tipo qualitativo, que tem por objetivo destacar a participação do enfermeiro na atenção básica no diagnóstico e rastreio de pessoas autistas e destacar a importância desse profissional dentro da equipe multidisciplinar, que cuida do tratamento a esses usuários. O estudo fez um levantamento de artigos, a partir dos resultados obtidos nas pesquisas do banco de dados da ScieLo e Bireme, destacando os artigos publicados dos últimos 10 anos (2010 a 2020), artigos que o estudo abordou de forma qualitativa, e serão analisados de acordo com esta metodologia, pois permite analisar e discutir de forma subjetiva o assunto abordado. Os artigos estão completos, em língua portuguesa e os resultados aqui expostos foram obtidos por meio de leitura exploratória dos títulos, metodologias utilizadas e seus resultados. As buscas nas bases de dados aconteceram de 12 de fevereiro a 20 de abril de 2021. Para a análise e levantamento de dados de forma qualitativa, o material foi organizado em três partes: a pré-análise, exploração dos artigos e levantamento dos dados, e o tratamento dos resultados e interpretação. Foram encontrados 8 artigos que abordavam a temática do enfermeiro da Atenção Básica e sua importância no contexto de cuidado a pessoa com TEA, relatando que, embora o mesmo não possua protocolos específicos para essa clientela, é de fundamental importância tanto dentro da equipe multidisciplinar que faz o acompanhamento quanto para as famílias assistidas, pois o enfermeiro é visto como um elo de segurança entre os serviços de saúde e a família do paciente assistido. Demonstrou ainda que, embora limitada, as informações diretamente disponíveis a esses profissionais há um aumento significativo da procura por informações e publicações sobre o assunto, porém a oferta é pequena, diante da importância e complexidade do assunto.

Palavras-Chaves: Transtorno Autístico. Assistência. Saúde comunitária.

ABSTRACT

The participation of the primary care nurse in the care or screening of patients with autistic spectrum disorder is an integrative narrative review work of the qualitative type, which aims to highlight the participation of nurses in primary care in the diagnosis and screening of autistic people, and highlight the importance of this professional within the multidisciplinary team that takes care of the treatment of these users. The study used a method that surveyed the articles based on the results obtained in the research of the Scielo and Bireme database, highlighting the articles published in the last 10 years (2010 to 2020), articles that the study addressed qualitatively, and will be analyzed according to this methodology because it allows to analyze and discuss subjectively the subject addressed. The articles are complete, in Portuguese and the results presented here were obtained through exploratory reading of the titles, methodologies used and their results. Database searches took place from February 12 to April 20, 2021. For the analysis and data collection in a qualitative way, the material was organized into three parts, the pre-analysis, exploration of the articles and data collection, and the treatment of the results and interpretation. Eight articles were found that addressed the primary care nurse and its importance in the context of caring for the person with ASD, reporting that although it does not have specific protocols for this clientele, it is of fundamental importance both within the multidisciplinary monitoring team and for assisted families, is seen as a safety link between health services and the family of the assisted patient. He also demonstrated that although limited to information directly available to these professionals, a significant increase in demand for information and publications on the subject, however the supply is small, given the importance and complexity of the subject.

Keywords: Autistic disorder. Care. Community health.

LISTAS DE QUADROS

Quadro 1 - Tabela de apresentação organizacional dos artigos selecionados e analisados para a elaboração desta pesquisa.	25
Quadro 2 - Apresenta os aspectos que evidenciam a importância da participação do enfermeiro da atenção básica no cuidado e atenção a pessoa com TEA	27
Quadro 3 - Percepção de acolhimento das famílias por parte dos profissionais de saúde.....	29
Quadro 4 - Apresenta o enfermeiro da atenção básica e estratégia de saúde da família consegue fortalecer o vínculo do usuário com TEA e os serviços primários de atenção à saúde.....	30
Quadro 5 - Apresenta abordagem do enfermeiro na Atenção Básica, suas perspectivas profissionais.	31

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	13
2.1 A FISIOLOGIA E A IMPORTÂNCIA DO DIAGNÓSTICO PRECOCE DE TEA ...	13
2.2 O AUTISMO NO BRASIL E SEUS ASPECTOS SOCIOECONÔMICOS	16
2.3 ASSISTÊNCIA DA ENFERMAGEM AO INDIVÍDUO COM TEA	19
3 CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS.....	21
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	24
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS.....	35

1. INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é considerado um problema de saúde global, que inclui entre eles a síndrome Asperger e o transtorno global comumente. O usuário com TEA apresenta dificuldades em habilidades simples e complexas e na sua capacidade de posicionar-se diante de acontecimentos do cotidiano comum, ou na sua interação ao relacionar-se com o outro, seja ele do seu convívio ou não, prejudicando desde o autocuidado limitando a autonomia do mesmo (RODRIGUES et al., 2017).

Os diagnósticos de TEA estão sendo confirmados cada vez mais cedo no Brasil, sendo detectados muitas vezes antes da idade escolar, visto que já se pode obter esse diagnóstico a partir dos 18 meses de idade. É cada vez maior o número de diagnósticos precoce no Brasil ou de pessoas que tiveram diagnóstico confundido com outros transtornos ou distúrbios de sinais comuns ao do TEA, que, depois de novas avaliações, o diagnóstico de TEA é confirmado (RODRIGUES et al., 2017).

Atualmente, os diagnósticos de TEA são confirmados o mais cedo possível. Quando muito tardiamente, esse diagnóstico pode ser fechado em fase escolar, mesmo que os indivíduos apresentem características diferentes, quanto mais precoce o diagnóstico for, mais rápido será o início dos estímulos necessários a efetividade dos tratamentos (OLIVEIRA et al., 2017).

É notório que o TEA tem ganhado maior visibilidade e ganhado uma relevância importante nos últimos anos, seja pelos critérios diagnósticos ou pela popularização das informações em diferentes aspectos que são ofertadas a sociedade, seja por meio da mídia e das redes de informação, movimentos sociais e entidades ligadas ao TEA, que ajudam na divulgação dessas informações, trazendo ao serviço um aumento de demanda, bem como adequação especializada a esse tipo de usuário e a divulgação de estudos específicos sobre o tema aos profissionais de saúde (FERREIRA; FRANZOI, 2019).

Os profissionais de enfermagem é a classe que atua em todas as vertentes do serviço de saúde, seja ela de atenção básica, de tratamento contínuo e/ou na assistência hospitalar especializada. É o profissional enfermeiro que chega as localidades na qual esse usuário está inserido, seja por meio de visita domiciliares, campanhas de vacinação, acompanhamento do crescimento e desenvolvimento ou

de programas de saúde escolar, o enfermeiro é um personagem atuante e visto pelos usuários como acessível (BORTONE; WINGESTER, 2016).

O enfermeiro atua de forma a solucionar os problemas ou a evitar os agravos à saúde, que são evidenciados durante consulta de enfermagem cujo profissional é respaldado e tem protocolos e direcionamento específico a seguir, mas, no caso do TEA, o enfermeiro não possui protocolo específico para atuar. No atendimento, o usuário com TEA, independentemente da idade, o papel do enfermeiro é, em sua grande parte, mediador entre o usuário e o sistema, adequando-se a protocolos de outros profissionais ou conduta indicada pela equipe multiprofissional, família e sociedade (BORTONE; WINGESTER, 2016).

Pinto et al. (2015) caracteriza a enfermagem como uma categoria que interage com outras disciplinas, que se apresenta como uma figura importante dentro da equipe interdisciplinar ou multidisciplinar, quando ele colabora com pensamentos e ideias acerca das várias questões sociais, econômicas e de saúde. Por isso, é importante que este profissional tenha um conhecimento mínimo sobre o TEA, para poder auxiliar em um atendimento de qualidade e específico ao usuário com esse diagnóstico, bem como oferecer orientações específicas a seus responsáveis, não se limitando a informações de cuidados fisiológicos, pertinentes aos enfermeiros.

Sabe-se que os enfermeiros são os profissionais de saúde que estão mais próximos da escola e da comunidade. O enfermeiro está em uma posição única para auxiliar no diagnóstico precoce de TEA e direcionar o usuário as intervenções precoces, que são importantes para diminuir a comorbidade psicossocial em crianças ou adultos, destacando que grande parte dessas pessoas não tem conhecimento sobre a oferta de serviços especializados e o meio de acessá-los (SILVA; FURTADO, 2019).

A participação do enfermeiro na equipe multidisciplinar, que acompanha o usuário com diagnóstico confirmado de TEA, é de fundamental importância e requer, desse profissional, um conhecimento mínimo sobre o assunto, uma vez que o enfermeiro está constantemente próximo ao paciente, por também ser o responsável pelas consultas de avaliação e acompanhamento do crescimento e desenvolvimento infantil nas unidades de atenção básica em que atuam (FERREIRA; FRANZOI, 2019).

Diante das informações apresentadas nesse trabalho, questiona-se: qual o papel do profissional de enfermagem da Atenção Primária à Saúde no atendimento e acompanhamento ao usuário com TEA e a importância da sua participação na equipe

multidisciplinar para garantia da continuidade e efetividade do usuário no serviço de saúde?

Desta forma, essa pesquisa objetiva compreender a importância da atuação do profissional de enfermagem da atenção básica dentro da equipe multidisciplinar, que trata do processo terapêutico do usuário com Transtorno do Espectro Autista, visando a contribuir para uma melhoria na qualidade dos serviços ofertados e para o aumento da percepção sobre o assunto, quando estiverem atuando em seu ambiente de trabalho.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

O transtorno do espectro autista é considerado uma descoberta da saúde mental muito recente. Em 1940, dois médicos apresentaram as primeiras descrições do que hoje é nomeado de autismo ou transtorno autista. Leo Kanner, médico-chefe da psiquiatria no hospital infantil, e Jonh Hopkins, de Baltimore, publicaram, em 1943, “O distúrbio autístico do contato afetivo”, mostrando o autismo como um dos principais sintomas ligado a esquizofrenia. A publicação apresenta 11 crianças cujo distúrbio apresentado seria a incapacidade de relacionar-se com o outro de maneira normal, e as determinadas reações perante algumas situações (BRASIL, 2015).

Para os médicos que observaram diferenças em pacientes com outros sofrimentos psicológicos, percebem que o autista recebia as informações ou estímulos, que vinham do meio externo, de uma forma diferenciada de outros diagnósticos, elas internalizavam como algo assustador, o que explica a tendência de ignorar quando algo era questionado, a recusa de alimentos e o desespero que elas sentiam provocados por barulhos fortes e ou repetidos de forma contínua, as vezes até por elas próprias. Eles ainda descreviam que essas crianças tinham um desejo obsessivo de uniformidade, ações repetitivas e esquemáticas, o que, segundo eles, interferia diretamente na qualidade de vida delas (MELLO et al., 2013).

Com o passar dos tempos, o TEA deixou de ser considerado uma doença e passou a ser considerado um sofrimento mental, apresenta-se para a medicina como um enigma que afeta de forma significativa as pessoas que dela padecem, causando interferência também na vida das que o rodeiam, como a família. O usuário com esse transtorno necessita de cuidados específicos de quem as acompanha, em sua grande maioria os pais. A família fica exposta a múltiplos desafios, sejam de natureza emocionais, econômicas, culturais e sociais. O apoio para a família que tem pessoas com TEA é fundamental para inclusão e socialização desses pacientes, muitas vezes estigmatizados ou julgados socialmente pela escassez de informações (NOGUEIRA, 2011).

2.1 A FISILOGIA E A IMPORTÂNCIA DO DIAGNÓSTICO PRECOCE DE TEA

O TEA tem causa indefinida, algumas publicações mostram causas genéticas associadas a fatores neurológicos ou ambientais, que podem favorecer ao indivíduo

um comportamento incomum, podendo ser agravado se não for diagnosticado de forma precoce, quanto mais cedo o indivíduo recebe estímulos que diminui o agravo do TEA, mais ele obterá uma melhora significativa na qualidade de vida (CARDOSO et al., 2019).

Muitos conceitos são utilizados para chegar ao diagnóstico do TEA, de acordo com a Associação Americana de Psiquiatria, o autismo acomete as crianças afetando áreas do neurodesenvolvimento, responsáveis pela interação social, comunicação e comportamento geral do paciente, tornando-as inertes ao que acontece a sua volta. Algumas ações e estímulos são importantes para ajudar no desenvolvimento infantil, contendo a evolução do transtorno e ampliando as respostas terapêuticas (SOUSA et al., 2018).

De acordo com Bortone e Wingester (2016), o TEA, ou popularmente conhecido como autismo, caracteriza-se por apresentar um distúrbio de grande complexidade, o que pode dificultar seu processo de rastreamento e diagnóstico precoce na primeira infância, pois o desenvolvimento interpessoal é a principal área acometida. Destaca-se, ainda, a primeira infância como um marcador para essas etapas de desenvolvimento e amadurecimento do indivíduo, apresenta a importância do diagnóstico precoce para qualidade de vida e aceitação do paciente acometido pelo TEA.

Os Transtornos do desenvolvimento não se referem apenas a um atraso ou uma interrupção do processo normal de desenvolvimento, embora estes possam estar presentes também, mas a manifestação clínica de sinais é um processo investigativo e de difícil diagnóstico, trazendo atrasos de tempo prejudicial ao desenvolvimento do paciente. Essas observações envolvem alterações quantitativas e, principalmente, qualitativas da experiência subjetiva do sujeito com TEA, fala dos processos cognitivos individuais, da capacidade de comunicação e linguagem, além do comportamento social interativo do sujeito como todo (BRASIL, 2015).

O TEA se apresenta como um transtorno que causa déficits persistentes na comunicação e na interação social do indivíduo, caracteriza-se pela ausência de fala, ou de comunicação não verbal que são necessárias para uma interação social, mostrando uma incapacidade de manter relacionamento com seus pares ou com outros indivíduos, apresentando também padrão registro e repetitivo de interesses, atividades e objetos específicos (ZANOLLA et al., 2015).

Como qualquer patologia, os casos mais graves são mais facilmente detectáveis. Há, no entanto, crianças autistas que apresentam desenvolvimento motor normal, ao mesmo tempo que se comportam de forma estranha e inadequada. Algumas não suportam contato físico, carinhos, abraços, até mesmo por parte de pai, mãe e irmãos. Outras, ao contrário, procuram contato físico, mas esse é indiscriminado e exagerado, podendo ser inclusive com estranhos na rua. Esse sintoma é associado a síndrome de Rett que é uma variação do autismo, pois esses gestos não oferecem relação (BRASIL, 2015).

O ideal é que o diagnóstico seja feito por uma equipe interdisciplinar composta por, pelo menos, um profissional da psiquiatria infantil, neuro infantil ou psicólogo, algumas publicações destacam o papel do enfermeiro no diagnóstico precoce, através do acompanhamento do crescimento e desenvolvimento da criança que é feito nas unidades de saúde. De acordo com Bortone e Wingester (2016), o enfermeiro da atenção básica está à frente do atendimento e pode fazer o reconhecimento dos sinais do TEA nas consultas de enfermagem durante o acompanhamento do Crescimento e Desenvolvimento Infantil (CeD infantil).

Sendo de fundamental importância o desenvolvimento de estudos e pesquisas que abordem a relação do paciente com TEA e a equipe de enfermagem, para orientar a conduta do profissional enfermeiro, para prestar um atendimento específico ao usuário autista, podendo elaborar rotinas específicas de cuidado, atendimento e manuseio desse paciente, estando ele em qualquer nível de atenção do serviço (SENA et al., 2015).

Estudos realizados por Gadia (2004) apresentaram os conceitos de neuropatologia, neuroimagens, neuroquímicos e genéticos, a fim de agilizar um possível diagnóstico, tendo em vista as semelhanças com outros transtornos. Bem como evidenciaram que os critérios de diagnóstico têm evoluído bastante nos últimos anos, porém ainda prevalece o manual estatístico de diagnóstico da Associação Americana de Psiquiatria (DSM), ele apresenta, de forma distinta, os vários transtornos globais de desenvolvimento e suas particularidades.

Vale ressaltar que normalmente tem-se os “estados ou formas de autistas” associados a outras patologias, tais como epilepsia, paralisias cerebrais e síndromes genéticas, dentre outras. Isso torna o diagnóstico difícil e é muito frequente o autismo passar despercebido e ser confundido com outros transtornos. Ainda não dispomos de instrumento diagnóstico confiável para este fim, e ficamos na dependência da

experiência de profissionais especializados para sua identificação, tornando demorado o diagnóstico precoce e, com isso, o início de um acompanhamento específico (BRASIL, 2015).

Quanto a inclusão da equipe de enfermagem no atendimento e cuidado ao indivíduo com TEA, observa-se que não se é um assunto tão discutido e, por isso, tanto os profissionais da enfermagem quanto os especialistas estão buscando conhecimento sobre essa temática, fazendo-se necessário a abertura de espaços para a discussão do tema, para podermos ter um diagnóstico precoce e uma assistência mais integral e equitativa (SENA et al., 2015).

Uma dificuldade evidenciada pelos profissionais da enfermagem, para a detecção precoce do autismo, é a falta de protocolos que os oriente, principalmente quanto aos serviços e entidades de saúde disponibilizados para essa população. Além dos entraves encontramos para um diagnóstico precoce, quando necessitam do apoio de outros profissionais da Rede de Atenção à Saúde (RAS) (NASCIMENTO et al., 2018).

De acordo com Ministério da Saúde (MS), existe uma compreensão errônea por parte dos leigos sobre o autismo, visto que eles acreditam que deve haver um sistema classificatório que inclua etiologias e causas, porém isso não pode ser aplicado a complexidade dos transtornos mentais. Por conseguinte, deve-se adotar estratégias que contemplem a evolução destes ao longo do tempo, sem pressa, visto que pode ocasionar diagnóstico equivocado de quadro patológicos muito semelhantes (BRASIL, 2015).

O profissional de enfermagem é extremamente relevante na abordagem do rastreamento dos sinais de TEA durante as consultas de enfermagem, mas, para isso, é necessário estimular o interesse e fomentar discussões específicas sobre o assunto no meio científico para possibilitar a inserção da criança de forma precoce, estabelecendo-se assim uma intervenção especializada com a equipe multidisciplinar o mais precocemente (BORTONE; WINGESTER, 2016)

2.2 O AUTISMO NO BRASIL E SEUS ASPECTOS SOCIOECONÔMICOS

O Autismo no Brasil tem ganhado maior visibilidade, a partir do aumento significativo de indivíduos diagnosticados com o transtorno. De acordo com MS, não se pode consolidar um número específico, porém, segundo dados do *Center of*

Diseases Prevention (CDC), órgão ligado ao governo americano, estima-se que no Brasil existam cerca de 2 milhões de autistas, sendo considerado 1 caso diagnosticado a cada 110 habitantes (OLIVEIRA; MORAIS; FRANZOI, 2019).

De acordo com Organização Mundial de Saúde (OMS) e Organização Pan-americana de Saúde (OPAS), esse valor ainda é maior, sendo de 1 novo diagnóstico a cada 160 crianças que apresentam TEA, com maior incidência no sexo masculino, o que de fato reflete a expressividade dessas no universo pediátrico. Segundo os estudos epidemiológicos realizados nos últimos anos, a prevalência de TEA parece estar aumentando mundialmente, há algumas explicações possíveis para esse aumento, podemos citar o aumento da conscientização sobre o tema, a abrangência dos critérios diagnósticos, melhoria das ferramentas de diagnóstico e o aperfeiçoamento das informações e orientações que estão disponíveis aos profissionais de saúde (OMS/OPAS. 2017).

No Brasil, tem-se a aprovação da Lei 12.764, de 27 de dezembro de 2012, a qual institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtornos do Espectro do Autismo (PNPTEA) e, em abril de 2013, a publicação das “Diretrizes de Atenção à Reabilitação da pessoa com TEA”, do MS, que oferece orientações às equipes dos diferentes pontos de atenção à saúde,

Outra lei que trata do TEA é a nº 13.438 de 2017 que dispõe sobre a obrigatoriedade de desenvolver instrumentos específicos para checagem do neurodesenvolvimento de todas as crianças dentro dos 18 primeiros meses de vida, usando, para alinhamento dessas informações, a caderneta de saúde da criança, instrumento de uso cotidiano da enfermagem na atenção básica. Essas leis e mecanismos desenvolvidos são fundamentais dentro da rede de cuidados que atende a pessoa com deficiência, pessoas com TEA e suas famílias (CARDOSO et al., 2019).

O Brasil, no decorrer dos últimos anos, obteve grandes avanços para criar seu banco de dados para a pessoa autista, entre eles está a Lei Federal, sancionada recentemente, nº 13.861/2019, que obriga o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) a inserir no Censo 2020 perguntas sobre o autismo, espera-se com isso que seja possível saber quantas pessoas no Brasil apresentam esse transtorno e como elas estão distribuídas pelo território, saber como e onde vivem e quais suas necessidades, usando essas informações para melhorar a qualidade de vida e oferta do serviço especializado que necessitam (BRASIL, 2019)

Mais um marco nos direitos da pessoa com TEA foi o decreto que altera o texto da Lei Berenice Piana (12.764, 2012), que institui a PNPTEA, esta cria a Carteira de Identificação da pessoa com TEA (Ciptea). De acordo com a nova lei, a Ciptea deve assegurar aos portadores atenção integral, pronto-atendimento e prioridade no atendimento e acesso aos serviços públicos e privados sejam de que natureza for, mas em especial nas áreas de saúde, educação e assistência social. A carteira será emitida pelos órgãos estaduais, distritais e municipais que são responsáveis pela CNPTEA. A família deve apresentar documentos pessoais acompanhado de laudo médico específico com número do código da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID) (BRASIL. 2015).

A Atenção primária tem o papel de realizar identificação e o manejo dos casos. As Unidades Básicas de Saúde e as equipes da Estratégia de Saúde da Família (ESF) devem participar da identificação precoce, acompanhamento e cuidado integral dos indivíduos com TEA. Atualmente, 53,1% da população brasileira já é atendida por equipes de ESF, sendo essa porcentagem ainda mais alta nas regiões mais pobres do país (BRASIL, 2015).

É preciso destacar que o tratamento a pessoa com TEA passa por várias especialidades disponibilizadas pelo Sistema Único de Saúde (SUS), o qual deve ser ofertado de forma gratuita e acessível, devendo atender as necessidades individuais de cada paciente, pois o resultado não depende da frequência do tratamento escolhido e sim pela aceitação do tipo de tratamento escolhido. Nada adianta sobrecarregar o autista, o êxito virá na medida que se concilia necessidade do autista, sua aceitação e aplicação do tratamento no seu contexto familiar (PINTO et. al., 2016).

Os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), lançados em 2002, é o principal equipamento especializado para o atendimento a pessoas com problemas de saúde mental severos e que necessitam de tratamento contínuo, incluindo o indivíduo com TEA. Os CAPS são abertos a comunidade e devem prestar atendimento em regime de atenção diária, oferecendo cuidados clínicos e eficiente, com um perfil personalizado, promovendo a inserção social do usuário e dando suporte a família (NASI; SCHENEIDER, 2011).

Já para o atendimento a crianças e adolescentes com problemas de saúde mental, tem-se os Centros de Atenção Psicossocial Infanto-juvenil (CAPSI), onde oferta os mesmos serviços do CAPS, contudo voltado e especializado para o cuidado de crianças e adolescentes. Passando a oferecer cuidados clínicos a essas crianças

e adolescentes, como também gerenciar a rede ampliada de atenção, pautada na intersectorialidade e na corresponsabilidade (NASI; SCHENEIDER, 2011).

Atualmente, a região do Alto Oeste potiguar, no Rio Grande do Norte, conta com um CAPSI, localizado no município de Mossoró, o qual atende cerca de 200 crianças por mês, com diversos tipos de diagnósticos de saúde mental. (ASCOM COSEMS-RN, 2016)

2.3 ASSISTÊNCIA DA ENFERMAGEM AO INDIVÍDUO COM TEA

O profissional enfermeiro pode colaborar de forma positiva para o diagnóstico e acompanhamento do TEA, através de observações comportamentais de crianças, durante a consulta de CeD infantil, como também podem auxiliar os progenitores dando apoio e informando-os quanto aos desafios e procedimentos assistenciais que eles utilizarão no processo de cuidar da criança com autismo (SENA et al., 2015).

Destaca-se o enfermeiro da ESF, visto que está mais próximo daquela família, tendo laços mais “estritos” e, principalmente, pela realização de ações voltadas ao acompanhamento do crescimento e do desenvolvimento infantil. O enfermeiro necessita perceber qualquer alteração de comportamento sugestiva do TEA durante seu atendimento ou relatos dos pais e/ou responsáveis (NASCIMENTO et al., 2018).

Entre as dificuldades em detectar sinais e sintomas do TEA, estão a falta de capacitação e divulgação de materiais específicos que incentivem o uso de instrumentos facilitadores à detecção precoce do autismo. A ideia de que a identificação de sinais e sintomas do TEA não é responsabilidade do enfermeiro, também é outra barreira para detecção precoce e intervenção por esse profissional (NASCIMENTO et al., 2018).

A enfermagem tem um papel fundamental no sentido de orientar adequadamente a família, buscando estratégias que estimulem a criança com TEA a desenvolver habilidades para o autocuidado, contribuindo para uma nova perspectiva das condutas de enfermagem para este público, que é tão necessitado de ajuda especializada (ANJOS, 2019)

A promoção da saúde mental da criança exige intervenção de vários profissionais, detendo os enfermeiros a um papel importante quer na escola, na família e na comunidade, cujo o foco deve ser direcionado para a dimensão holística que engloba os domínios biológicos, psicológicos e social. Enfermeiros que buscam

promover a saúde mental das crianças e suas famílias assumem um contrato social e profissional mais amplo, aproximando o usuário do sistema, trazendo confiabilidade, promovendo equidade e justiça na assistência (SILVA; FURTADO, 2019).

Com isso, compreendemos que quando o diagnóstico é realizado de maneira cuidadosa, precoce e com profissionais qualificados, a família possuirá mais benefícios no retardamento dos sintomas apresentados por crianças com TEA. Tendo em vista que a fase inicial de vida da criança é de suma importância para bons resultados dos comportamentos atípicos apresentados (SILVA et al., 2020).

3 CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

Trata-se de uma pesquisa de revisão bibliográfica narrativa integrativa do tipo qualitativa, a qual é desenvolvida com base em materiais já elaborados, constituídos principalmente por livros e artigos científicos. Embora quase todos os tipos de estudos sejam exigidos algum tipo de trabalho dessa natureza, a principal vantagem da pesquisa bibliográfica qualitativa reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Essa vantagem torna-se importante quando o problema da pesquisa requer dados muitos dispersos pelo espaço (GIL, 2008).

A pesquisa qualitativa tem a característica de oferecer um teor de subjetividade, porém deve haver um controle necessário, já outros pesquisadores optam por esse tipo de pesquisa por fornecer a construção de novos significados perante ao tema abordado, sendo inevitável a presença de um envolvimento emocional. Portanto, deve haver uma postura de autocontrole e reflexão para que sua opinião não interfira nas informações que os textos revisados possam apresentar, como também no resultado final da pesquisa, deixando claro o tema e as intenções do pesquisador (PATIAS et al., 2019).

Esta revisão de literatura aborda a importância do profissional enfermeiro dentro da equipe multidisciplinar, na qualidade dos cuidados ao usuário já diagnosticado com TEA ou ainda em fase de observação para um possível diagnóstico, destacando sua aproximação do usuário nos vários níveis de atenção, a fim de demonstrar as possíveis variáveis da enfermagem no bem-estar desse usuário.

Para a busca dessas informações que compuseram este estudo, foram utilizadas as bases de dados eletrônicas de caráter científico, como *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO) e Bireme, sendo consultadas diretamente estas páginas com os descritores “Autismo”, “Enfermagem”, “Cuidados”, “Diagnóstico precoce” e “TEA”, de forma associada utilizando o operador booleano “AND”, sendo pesquisado os artigos publicados de 2010 a 2021.

Como critérios de inclusão foram considerados os artigos integralmente disponíveis em versão *on-line* de maneira gratuita, artigos publicados em língua portuguesa e em anais de eventos, desde que apresentassem em seu conteúdo material que responderam à questão da pesquisa ou aos objetivos do estudo, a abordagem ao TEA, o papel do profissional enfermeiro nos cuidados e atenção a essa

clientela. Foram excluídas amostras editoriais, cartas ao editor, artigos incompletos e publicações que se repetiram nas bases de dados.

Para a análise qualitativa foi feita uma seleção inicial dos artigos de acordo com seu tema e organizado de forma cronológica, separando de acordo com o compartilhamento de ideias acerca do TEA, atuação do enfermeiro na atenção básica com esta clientela e a participação do mesmo dentro da equipe multiprofissional.

A pesquisa deu-se por meio da coleta de informações dos artigos, para demonstrar a importância do enfermeiro da atenção básica no diagnóstico, orientações e acompanhamento do usuário com TEA, apresentar as possibilidades desse campo de atuação, e como as atividades do enfermeiro podem auxiliar na perspectiva positiva da adesão, continuidade e efetividade ao tratamento, dentro da equipe multidisciplinar.

A análise dos dados qualitativos foi feita de forma organizada (SILVA et al., 2017) e, como método de análise, a Análise do Conteúdo de Bardin (2011), que é realizada a partir de algumas etapas. A pré-análise é a etapa onde os textos são selecionados, é o início da base da pesquisa, essa seleção deve obedecer a uma organização que será de grande importância para as próximas etapas da elaboração do trabalho. Na fase seguinte, de exploração é onde o pesquisador encontra de forma descritiva informações do tema estudado, a necessidade de uma análise individual para cada referência e uma visão geral do resultado de todas as informações juntas é que constroem a última etapa dessa pesquisa. A elaboração dos resultados e a forma como o pesquisador irão apresentá-los, diante de um contexto subjetivo, é o que caracteriza o estudo de natureza qualitativa. Os resultados devem ser organizados de modo que fique evidenciado nas etapas do processo de elaboração da pesquisa, destacando as principais informações obtidas, respeitando as opiniões apresentadas nos textos estudados, trazendo para a realidade do tema proposto a visão analítica do pesquisador (SILVA et al., 2017; BARDIN, 2011).

Dessa forma, os artigos foram selecionados e separados por ano de publicação e tema. O estudo sobre cada um deu-se em fases separadas, primeiro a leitura para uma análise inicial, em seguida estudo e exploração dos dados e terceira a organização dos resultados observados e a interpretação dos mesmos.

Quanto a categorização dos resultados, têm-se os resultados da importância do profissional enfermeiro, necessidade dos clientes com TEA e seus familiares, a

efetividade do enfermeiro no acompanhamento dessa família e o papel do enfermeiro para esses clientes e suas famílias.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

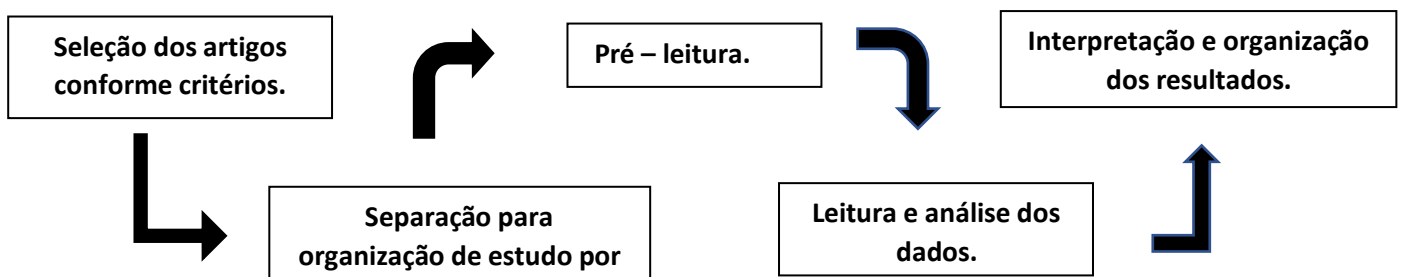
Para construção desse estudo foram selecionados oito artigos (Quadro 1), onde foi possível destacar a participação do enfermeiro da APS no contexto que inclui a pessoa com autismo, a ausência desse profissional dentro da equipe multidisciplinar e a falta de protocolo e informações específicas para o profissional enfermeiro na conduta com usuários que têm diagnóstico positivo ou suspeita de TEA.

Todos os artigos selecionados atendem aos critérios utilizados para construir a pesquisa. Através das etapas da aplicação dos filtros e das palavras-chaves para a busca, seguida da seleção por ano de publicação que foi entre 2010 a 2020, alguns títulos se repetiram nas bases de dados e a base que forneceu mais material foi a SCIELO (79,81%), os periódicos selecionados não se repetiram, porém os maiores números de publicações são dos anos 2016 (25%) e 2019 (25%), sendo os demais com variações cronológicas.

As publicações mais presentes no ano de 2016 e 2019 têm os mesmos perfis: a percepção dos autores sobre o aumento do número de diagnósticos de TEA e as modificações físicas e sociais que o transtorno traz para o indivíduo e sua família.

A figura abaixo apresenta as etapas de como foi elaborada a pesquisa, o meio utilizado para seleção dos artigos, até chegar a análise dos resultados, para apresentação das discussões pertinentes ao tema aqui abordado.

Figura 1: Fluxograma de elaboração da pesquisa, seleção dos artigos, esquema de estudo e análise dos dados aqui apresentados.



Fonte: Autoria própria (2021).

Quadro 1 - Tabela de apresentação organizacional dos artigos selecionados e analisados para a elaboração desta pesquisa.

Identificação do Artigo	Autores	Título	Objetivos	Revista/ Base de dado	Ano de publicação da base de dados
A1	FAVERO; SANTO, 2010	Itinerário terapêutico percorrido por mães com crianças com Transtorno Espectro autista.	Examinar o itinerário percorrido por mães com filhos com transtorno espectro autista em busca de um diagnóstico válido e tratamento.	Psicologia: reflexão e crítica/Scielo	2010
A2	BESSA; WEIDMAN 2013	Família da pessoa com Transtorno mental e suas necessidades na assistência psiquiátrica.	Conhecer as necessidades das famílias e cuidadores de uma pessoa com transtorno mental, no atual modelo de atenção a saúde.	Revista texto e contexto enfermagem/ Scielo	2013
A3	CAVALCANTE et al., 2016	A assistência do enfermeiro à pessoa portadora de autismo: uma revisão integrativa (ri)	O objetivo principal é identificar os cuidados da enfermagem à pessoa portadora de autismo,	Revista interdisciplinar em saúde/ Scielo	2016
A4	SILVA et.al., 2016	A valorização do enfermeiro diante do diagnóstico precoce da criança autista.	O objetivo é de revisar literaturas existentes acerca da assistência de enfermagem à criança autista.	Anais da VII Mostra de Pesquisa em Ciência e Tecnologia DeVry Brasil/Bireme	2016

A5	OLIVEIRA et al., 2017	Políticas para o autismo no Brasil: entre atenção psicossocial e a reabilitação.	Analisar as divergências apresentadas pelas partes interessadas no processo atual de formulação da política pública para o autismo no Brasil.	Physis: Revista de saúde coletiva/Bireme	2017
A6	VILAR et al., 2019	Transtornos Autístico e estratégias promotoras de cuidados: Revisão integrativa	Analisar a produção científica recente sobre os transtornos espectro autista identificando as estratégias de cuidados investigadas.	Revista Baiana de Enfermagem/ Scielo	2019
A7	FERREIRA; FRANZOI 2019	Conhecimento de estudantes de enfermagem sobre transtornos do espectro autista.	Analisar o conhecimento de estudantes de enfermagem de uma universidade pública sobre transtorno espectro autista.	Revista de Enfermagem UFPE/Scielo	2019
A8	MACIEL, 2020	Abordagem do autismo infantil na atenção básica.	Compreender as metodologias em saúde da atenção básica sobre o TEA.	Revista interdisciplinar de saúde/Scielo	2020

Fonte: Autoria própria (2021).

De acordo com as pesquisas realizadas para construção desse estudo, não foi observado por nenhum dos autores a inclusão do profissional enfermeiro dentro da equipe multidisciplinar de assistência ao usuário com TEA, independente em qual fase da vida a doença tenha sido diagnosticada, porém literaturas recentes destacam a importância do Enfermeiro nesse contexto, os estudos que trouxeram a participação do enfermeiro no cuidado à pessoa autista foram, em sua totalidade, produzidos pelas instituições de ensino da enfermagem, demonstrando que, para outras especialidades, o papel do enfermeiro não é visto com importância.

Um estudo realizado por Oliveira, Morais e Franzoi (2019), entrevistando profissionais de saúde de um CAPS, que atende municípios do estado da Paraíba, evidenciou que o papel do enfermeiro dentro do CAPS, é de extrema importância, visto que ele é quem estabelece o primeiro contato com o indivíduo e familiares. É o enfermeiro quem cria a primeira ligação, de fundamental importância para consolidar o vínculo do usuário e sua família com o serviço, possibilitando um acolhimento/assistência mais adequada aos usuários e suas famílias. A entrevista semiestruturada feita com profissionais de saúde de várias áreas, sobre o papel do enfermeiro dentro do CAPS e sua relação com outros profissionais da equipe e os usuários, nos apresentou a seguinte constatação feita pela equipe: É o enfermeiro que estabelece o primeiro contato, essa ligação é de fundamental importância para consolidar o vínculo do usuário e sua família com o serviço, possibilitando um acolhimento adequado e um conhecimento maior dos profissionais, usuários e suas famílias.

Portanto, o posicionamento do enfermeiro na atenção básica é destacado em muitos estudos, evidenciando que o profissional que atua na estratégia de saúde da família está em uma posição privilegiada, seja no diagnóstico precoce ou no acompanhamento do tratamento, através do fortalecimento do vínculo social desse usuário e sua família, conforme evidenciado no Quadro 2.

Quadro 2 - Apresenta os aspectos que evidenciam a importância da participação do enfermeiro da atenção básica no cuidado e atenção a pessoa com TEA

Evidências que apontam a importância do enfermeiro da atenção básica a essa clientela.

<p>A1: Mostra que essa clientela vem encaminhada dos serviços de saúde de vários níveis de atenção, passando por condutas que são de responsabilidade dos profissionais enfermeiros.</p>
<p>➤ Os enfermeiros podem auxiliar em avaliações para diagnóstico, controle de medicação, condutas terapêuticas, de assistência e orientações adequadas.</p>
<p>➤ Eficiência do tratamento está ligada a situação socioeconômica a qual esse paciente está inserido e sua participação nas condutas terapêuticas adotadas.</p>
<p>A4: Destaca a importância do enfermeiro da atenção básica para auxiliar no diagnóstico precoce, não só do autismo, mas de outros transtornos mentais.</p>
<p>A7: A proximidade do enfermeiro da ESF o torna o mensageiro para troca de informações entre a equipe multiprofissional e a família, sendo ele, a maioria das vezes, a voz da família dentro do contexto.</p>
<p>➤ A escuta da enfermagem, que acontece nas unidades básicas de saúde, é importante para ajudar nas metodologias aplicadas no tratamento.</p>
<p>A5: Estrutura organizacional do SUS coloca o tratamento e serviços direcionados a pessoas com TEA na atenção básica ou serviços especializados.</p>

A1(FAVERO; SANTOS 2010); A4(SILVA et.al., 2016); A7(FERREIRA; FRANZOI 2019)
A5(OLIVEIRA et al., 2017)

Fonte: Autoria própria (2021).

O paciente autista está classificado dentro dos serviços de saúde como paciente de saúde mental, de acordo com DSM- IV e CID-10, uma vez visto pelas redes de atenção dentro dessa classificação, ele está inserido a um modelo de assistência e cuidado que atualmente contempla a família do indivíduo e o meio onde ele vive dentro de todo contexto terapêutico, respeitando as características do paciente (FAVERO; SANTOS, 2010).

Uma observação que foi feita em todos os estudos utilizados para construção desse trabalho, é que quanto mais precoce o diagnóstico e início do tratamento, melhores são as respostas obtidas. Apresentar as Unidades Básicas de Saúde, por meio do Programa de Estratégia de Saúde da Família (ESF), onde o enfermeiro desenvolve um papel importante na avaliação e acompanhamento de crianças nos

primeiros 18 meses de vida, sendo imprescindível que ela tenha conhecimento sobre as alterações sugestivas de pessoas com TEA, auxiliando rastreio para diagnóstico precoce (VILAR. 2019)

Também se evidenciou a necessidade de um acolhimento específico por parte dos pais e acompanhantes, na compreensão das necessidades, um olhar inclusivo, as individualidades e características desses indivíduos, uma percepção de alguém que sabe a estrutura familiar e social que circula o paciente com TEA (Quadro 3).

Quadro 3 - Percepção de acolhimento das famílias por parte dos profissionais de saúde.

Uma visão das necessidades do paciente e sua família de serem acolhidos em suas individualidades.
A2: As famílias de autistas buscam continuidade dos profissionais de saúde que os atendem e uma orientação adequada.
<ul style="list-style-type: none"> ➤ Substituição frequente desses profissionais trazem para a rede de saúde o transtorno mental e o modo de lidar com essas pessoas.
<ul style="list-style-type: none"> ➤ A compressão de comportamentos típicos como agitação, autoagressão, perturbação, ausência de comunicação e interação social.
<ul style="list-style-type: none"> ➤ As famílias precisam sentir uma compreensão por parte dos profissionais que os cercam, essa iniciativa deve partir dos profissionais que compoñham o serviço de saúde que o usuário está inserido.
A3: O enfermeiro tem um papel importante, de acordo com a família, é o principal meio de comunicação da família e visto por eles como uma acolhida e atenção individualizada.
<ul style="list-style-type: none"> ➤ Existe uma dificuldade de comunicação da família com a equipe multiprofissional, entretanto essa dificuldade não é vista pela família no atendimento por parte do enfermeiro, favorecendo uma aproximação e confiança nessa relação.

A2 (BESSA; WEIDMAN 2013); A3(CAVALCANTE et al., 2016).

Fonte: Autoria própria (2021)

Os atuais modelos de tratamento em saúde mental trazem condutas alternativas para compor as estratégias de incluir essas famílias em projeto de

adaptação social, com serviços voltados a família e a comunidade. Trazendo para dentro das Unidades de Básicas de Saúde, Programa de Estratégia de Saúde da Família e os Centros de Atenção Psicossocial novas dinâmicas de convívio e adaptação para melhorar e fortalecer a parceria com a família e garantia na continuidade desses indivíduos no serviço (MACIEL. 2020).

Seguindo esse novo modelo de atenção à saúde mental, a qual o indivíduo com TEA está inserido, e destacando a importância do contexto socioeconômico, no qual o enfermeiro da atenção básica possui um lugar de atuação importante, pois é o profissional enfermeiro que tem a proximidade com o meio onde vive esse paciente, o conhecimento acerca de suas necessidades e contexto familiar. O SUS através das políticas de saúde que visam atender o paciente com transtornos mentais, criou uma configuração de tratamento e acompanhamento, buscando a inclusão familiar para assegurar toda atenção que a pessoa com TEA necessita.

No Brasil, a Política Nacional da Atenção Básica (Pnab) tem por objetivo a valorização do usuário respeitando suas individualidades, como a característica principal do TEA é respeitar a singularidade do sujeito, faz da atenção básica um ponto de acolhimento e coordenação dos serviços de saúde, sendo o enfermeiro profissional que coordena e estrutura os serviços ofertados em sua grande maioria (MACIEL, 2020)., conforme apresentado no Quadro 4

Quadro 4 - Apresenta o enfermeiro da atenção básica e estratégia de saúde da família consegue fortalecer o vínculo do usuário com TEA e os serviços primários de atenção à saúde.

Atividades que demonstram de forma efetiva a importância do enfermeiro da Atenção Básica a saúde da pessoa autista.
A4: Destacar a importância do enfermeiro tanto quanto dos demais profissionais de equipe, desenvolvendo funções que organizam o cuidado, ofertam educação em saúde com a finalidade de evitar outros problemas a esse indivíduo, é uma assistência individual e humanizada
➤ Os enfermeiros podem auxiliar em avaliações para diagnóstico, controle de medicação, condutas terapêuticas e de assistência.
➤ Fornecimento de orientações adequadas.

<p>➤ Eficiência do tratamento está ligada a situação socioeconômica, a qual esse paciente está inserido, e sua participação nas condutas terapêuticas adotadas,</p>
<p>A8: A articulação dos cuidados do paciente com TEA é feita pela Atenção Básica, tendo como objetivo atender as necessidades do paciente e sua família.</p>
<p>➤ O enfermeiro é capaz de fazer os levantamentos das necessidades dos pacientes, que incluem demandas físicas e sociais.</p>
<p>➤ Foi identificado como obstáculo para um atendimento de qualidade dentro da Atenção Básica para essa clientela, ausência de informações e protocolos específicos. Tudo é feito de forma muito subjetiva e aplicada a cada caso individualmente</p>

A4 (SILVA et al., 2016); A8(MACIEL, 2020).

Fonte: Autoria própria (2021)

Outro fator evidenciado foram os aspectos familiares e socioeconômicos que esses pacientes estão inseridos e a visibilidade que a enfermagem tem sobre esse contexto, as políticas públicas de saúde para esses grupos e suas famílias e a forma como essas informações interferem na efetividade dos tratamentos.

O enfermeiro na assistência a pessoa autista traz um olhar que outras especialidades talvez não tenham a oportunidade de ter, especificamente o enfermeiro da Atenção Básica, por estar mais próximo à família e ao contexto social que o paciente está inserido. Oferecendo ao enfermeiro a possibilidade de um cuidar mais qualificado, da oferta de informações específicas a família ou cuidadores o que pode trazer uma qualidade de vida melhor aos envolvidos e a equipe de trabalho, conforme evidenciado no quadro 5 (MAGALHÃES et al., 2020).

Quadro 5 - Apresenta abordagem do enfermeiro na Atenção Básica, suas perspectivas profissionais.

<p>O papel do enfermeiro da Atenção Básica na abordagem ao paciente com TEA e sua família.</p>
<p>A3: Apresenta o enfermeiro como personagem importante na percepção das famílias auxiliando-as nos serviços de saúde.</p>

<p>➤ A dificuldade dos profissionais de saúde em fechar um diagnóstico de autismo, sendo necessário a intervenção de outros profissionais, o que para a família é desgastante.</p>
<p>➤ Ausência de instrumentos avaliativos para atenção básica, o que acarreta diagnósticos tardios, falta de percepção da família, que nota um atraso apenas quando a capacidade de comunicação do indivíduo está prejudicada.</p>
<p>➤ Número limitado de informações sobre o autismo para enfermagem, visto a localização importante do enfermeiro nesse contexto, ausência de instrumentos de trabalho para ser aplicadas pelos enfermeiros a essa categoria, não buscando um diagnóstico final, e sim uma conduta para triagem investigativa.</p>
<p>➤ Fator que favorece um diagnóstico é a possibilidade observacional do enfermeiro sobre o desenvolvimento familiar do paciente, estrutura socioeconômica e vulnerabilidades que fazem parte do dia a dia dessa família, que tem um acompanhamento em várias frentes pelas equipes de Estratégia de Saúde da Família.</p>

A3 (CAVALCANTE; ALVES; ALMEIDA, 2016).

Fonte: A autoria própria (2021)

Rocha et al. (2019) realizaram um estudo no Rio Grande do Sul que evidenciou a importância do acompanhamento aos indivíduos com TEA pela equipe de saúde. Esse acompanhamento deve também obter informações acerca da estrutura familiar e do contexto socioeconômico, ao qual ele está inserido, visto como fator determinante para efetividade do tratamento e prevenção de possíveis agravos que possam causar interrupção do desenvolvimento cognitivo, apresentado durante o tratamento.

No mesmo estudo, pôde-se constatar que a maioria dos suspeitos ou diagnósticos conclusivos de TEA tem entre 0 a 12 anos completos, grande parte do sexo masculino e que ainda estão no ensino infantil. Os sinais que mais motivaram o encaminhamento desses usuários para uma avaliação ou tratamento com diagnóstico conclusivo foram: déficit de linguagem e comportamento externo (ROCHA et al., 2019).

Portanto, entender o perfil dessas pessoas, como e onde vivem e como estão inseridas socialmente traz respostas positivas tanto para o paciente quanto para

equipe profissional, que conseguirá aplicar as condutas de acordo com as necessidades encontradas e alcançar prognósticos positivos. Bem como identificar os sinais e sintomas o mais precocemente possível para iniciar os tratamentos.

Baseando-se nas informações que são expostas para as equipes de enfermagem de forma tão acessível, esse profissional pode intervir na finalidade de garantir maior desenvolvimento físico e social para essas famílias, bem como deve ser seguido as orientações dos códigos de ética de enfermagem para o desenvolvimento das atividades de forma segura, mesmo que esses não sejam específicos para pessoas com TEA, devendo serem adequados conforme suas subjetividades (FERREIRA; FRANZOI, 2019).

A análise do conjunto de artigos, utilizado para esta pesquisa, demonstrou que o conhecimento sobre autismo pelos profissionais enfermeiros ainda é muito limitado, ainda há ausência de instrumentos e protocolos para a enfermagem e de condutas específicas para serem aplicadas a esses indivíduos e seus familiares. As informações ofertadas pelos meios acadêmicos ainda são mais direcionadas a outras especialidades, uma vez que o enfermeiro não é, por obrigatoriedade, parte da equipe multidisciplinar, embora os estudos apontem que a sua posição na Unidade Básica de Saúde e no Programa de Estratégia de Saúde da Família o permite ter uma visão privilegiada para observar a efetividade das condutas terapêuticas ofertadas, bem como a interação social do paciente e sua família com a sociedade

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo apresentou informações que demonstram a importância do enfermeiro da Atenção Básica no rastreio, diagnóstico precoce e acompanhamento das demandas de pessoas com diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA).

Através das informações aqui expostas, pôde-se perceber que o número de estudos que abordam as atividades pertinentes a enfermagem e o atendimento específico a pessoa com TEA ainda é muito limitado, além da ausência de protocolos de enfermagem específicos para essa clientela e a não obrigatoriedade do profissional enfermeiro dentro da equipe multidisciplinar que acompanha esse paciente no tratamento e suas demandas. O ponto de destaque e maior relevância desse estudo é a importância do enfermeiro da Atenção Básica nesse cuidado, quando há ausência dele dentro da equipe multiprofissional.

As atribuições diárias das Unidades de Saúde e do Programa de Estratégia de Saúde da Família foram destacadas por colocar esse profissional dentro do contexto familiar, demonstrando uma proximidade e conhecimento acerca desses indivíduos que nenhum outro profissional da área consegue ter. É o enfermeiro que conhece as demandas familiares de saúde, contexto social, econômico e cultural que o usuário está inserido e, baseando-se nessas informações e as ofertando a equipe multidisciplinar, podemos adequar o tratamento as suas demandas específicas, visando unicamente a aceitação do usuário ao processo terapêutico e a inserção de sua família em todo processo de cuidado.

REFERÊNCIAS

- ANJOS, Maria de Fátima Silva dos. **Ações de enfermagem no acompanhamento de pacientes com transtorno de espectro autista**. 2019. 13 f. TCC (Graduação) - Curso de Enfermagem, Cursos da Saúde, Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos, Brasília, 2019.
- ASCOM COSEMS-RN [Org.]. **Mossoró**: Caps infantil atende em média 200 crianças e adolescentes por mês. CAPS Mossoró-RN. 2016. Portal do conselho secretarias municipais de saúde.
Disponível em: <https://www.cosemsrn.org.br/noticias-municipais/12356/>. Acesso em: 05 out. 2020.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70 LDA, 2011. 229 p. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro.
- BESSA, Jaqueline Bortura; WEIDMAN, Maria Angélica Pagliarini. Família da pessoa com transtorno mental e suas necessidades na assistência psiquiátrica. **Texto e Contexto**, Santa Catarina, v. 22, n. 1, p. 1-11, mar. 2013.
- BRASIL. Diário Oficial da União. Congresso. Senado. Constituição (2012). **Lei nº 12.764**, de 27 de setembro de 2012. Brasília/DF. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/48333/lei-n-12-764-2012-direitos-da-pessoa-com-transtorno-do-espectro-autista#:~:text=A%20Senhora%20Presidente%20Dilma%20Rousseff,diversas%20diretrizes%20para%20sua%20consecu%C3%A7%C3%A3o.>
- BRASIL. Diário Oficial da União. Congresso. Senado. Decreto nº 13861, de 18 de julho de 2019. **Inclusão no censo de informações sobre pessoa autista**. Lei Federal. Brasília/DF. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2019/lei-13861-18-julho-2019-788841-norma-pl.html>
- BORTONE, Alexandre Rezende Teixeira; WINGESTER, Edna Lucia Campos. Identificação do Espectro do Transtorno Autista durante o crescimento e o desenvolvimento infantil: o papel do profissional de Enfermagem. **Synthesis revista Digital Fapam**. Para de Minas, v. 7, n. 7, p. 131-148, dez. 2016.
- CARDOSO, Ana Amelia. Et. al. **Manual de Orientação Departamento Científico de Pediatria do Desenvolvimento e Comportamento Transtorno do Espectro Autista**. N° 5, Abril de 2019
- CAVALCANTE. Amanda de Souza; ALVES. Natalia Alencar; ALMEIDA. Alexsandro Barreto. SIMPOSÍO DE TCC, 2., 2016, Fortaleza. Assistência do Enfermeiro à pessoa portadora de autismo: uma revisão integrativa (ri). Fortaleza: **Icesp Promove**, 2016. 6 p.

FAVERO-NUNES, Maria Angela; SANTO, Manoel Antônio dos. Itinerário Terapêutico Percorrido por Mães de Crianças com Transtorno Autístico. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, São Paulo, v. 23, n. 2, p. 208-221, jan. 2010

FERREIRA, Ana Caroline Souza Saraiva; FRANZOI, Mariana André Honroato. Conhecimentos dos estudantes de enfermagem sobre os Transtornos Autísticos. *Revista de Enfermagem*: UFPE, on-line, Recife, v. 1, nº 13, p. 51-60, jan. 2019.

GADIA, Carlos A.; TUCHMAN, Roberto; ROTTA, Newra T. Autismo e doenças invasivas de desenvolvimento. *Jornal de Pediatria*. Rio de Janeiro, p. 83-94. abr. 2004.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. 220 p.

BRASIL. SECRETARIA DE ATENÇÃO À SAÚDE. Ministério da Saúde. **Linha de cuidado para a atenção às pessoas com transtornos do espectro do autismo e suas famílias na rede de atenção psicossocial do sistema único e saúde**. v. 1, 2015.

MACIEL, Nadine Gabryella Pontes. Abordagem do autismo infantil na atenção básica: revisão integrativa. *Revista Interdisciplinar em Saúde*, Cajazeiras, v. 1, n. 7, p. 466-481, 2020.

MAGALHÃES, Juliana Macêdo et al. Assistência de enfermagem à criança autista: revisão integrativa. *Enfermaria Global*, Terezina, p. 541-549, jan. 2020.

MELLO, Ana Maria Serrajordia Ros. et.al. **Retratos do autismo no Brasil**. São Paulo: Ama, 2013. 106 p.

NASCIMENTO, Yanna Cristina Moraes Lira et al. Transtorno do espectro autista: detecção precoce pelo enfermeiro na estratégia saúde da família. *Revista Baiana de Enfermagem*, Salvador, v. 32, n. 7, p. 1-12, jan. 2018

NASI, Cíntia; SCHNEIDER, Jacó Fernando. O Centro de Atenção Psicossocial no cotidiano dos seus usuários. *Revista Escola Enfermagem*, São Paulo, v. 5, n. 45, p. 57-63, jan. 2011.

NOGUEIRA, Maria Assunção Almeida; RIO, Susana Carolina Moreira Martins do. A Família com Criança Autista: Apoio de Enfermagem. *Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental*, Porto, v. 5, n. 5, p. 16-21, jun. 2011.

OLIVEIRA, Ana Carolina Araújo de. et al. Percepções e desafios da equipe de enfermagem frente à hospitalização de crianças com transtornos autísticos. *Revista Baiana de Enfermagem*, [s. l], v. 33, p. 1-11, jan. 2019.

OLIVEIRA, Bruno Diniz Castro de. et. al. Políticas para o autismo no Brasil: entre a atenção psicossocial e a reabilitação. *Physis Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, 27 [3]: 707-726, 2017.

PATIAS, Naiana Dapieve. HOHENDORFF, Jean Von. Critérios de qualidade para artigos de pesquisa qualitativa. **Psicologia e estudo**.2019, vol.24. Dezembro 2019. ISSN 1807-0329. <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v24i0.43536>

PINTO, Rayssa Naftaly Muniz. et al. Autismo infantil: impacto do diagnóstico e repercussões nas relações familiares. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 37, n. 3, p. 1-9, set. 2016.

ROCHA, Carla Cecilia; SOUZA, Mariane Velasques de; COSTA, André Felipe da; PORTES, João Rodrigues Maciel. O perfil da população infantil com suspeita e Diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista, atendida por um centro de Reabilitação de uma cidade do Sul do Brasil. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 4, p. 1-20, jan. 2019.

RODRIGUES, Patrícia Maria da Silva *et al.* RODRIGUES, Patrícia Maria da Silva. et. al. Autocuidado da Criança com Espectro Autista por meio das Socias Stories. **Escola de Enfermagem Ana Nery**, Alagoas, v. 21, n. 1, p. 1-9, jan. 2017

SENA, Romeika Carla Ferreira de *et al.* Prática e conhecimento dos enfermeiros sobre o autismo infantil. **Revista Pesquisa**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 7, p. 1-10, set. 2015.

SENA, F.et.al., Prática e conhecimento dos enfermeiros sobre o autismo infantil. **Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online**. 2015, 7 (Julho-setembro)

SILVA, Lucas Silveira da; FURTADO, Luis Achilles Rodrigues. O sujeito autista na Rede SUS: (im)possibilidade de cuidado. **Fractal: Revista de Psicologia fractal**, Fortaleza, p. 119-129, ago. 2019.

SILVA. Adriana Simone Bezerra da, et al. VII Mostra de Pesquisa em Ciência e Tecnologia Devry Brasil [Anais...]. 2016, Fortaleza. A valorização do enfermeiro diante do diagnóstico precoce da criança autista. Fortaleza: Even3, 2016.

SILVA, Andressa Hennig et al. Análise de conteúdo: fazemos o que dizemos? Um levantamento de estudos que dizem adotar a técnica. **Conhecimento Interativo**, São José dos Pinhais, v. 11, n. 1, p. 168-184, jan. 2017.

SOUSA. Bruna Sabrina de Almeida, et. al. A Enfermagem no Cuidado da Criança Autista no Ambiente Escolar. **Saúde e Pesquisa Maringá** (PR). Maio. 2018 DOI: <http://dx.doi.org/10.177651/1983-1870.2018v11n1p163-170>

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. ORGANIZAÇÃO PANAMERICANA DE SAÚDE. Transtorno do espectro Autista. **Folha Informativa**. Abril 2017. Disponível: <https://www.paho.org/bra/index.php?Itemid=1098>

VILAR, Andrea Maria Alves et al. Transtornos Autísticos e estratégias promotoras de cuidados: Revisão integrativa. **Revista Baiana de Enfermagem**, [s. l], v. 33, p. 1-15, jan. 2019.

VISANI, P.; RABELLO, S. Considerações sobre o diagnóstico precoce na clínica do autismo e das psicoses infantis. **Rev. Latino-americana**. psicopatologia. fundam. São Paulo, v.15, n.2, p.293-308, jun. 2012. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141547142012000200006&lng=pt&nrm=iso

ZANOLLA ,et al. **Causas Genéticas, Epigenéticas e Ambientais do Transtorno do Espectro Autista**. Universidade Presbiteriana Mackenzie CCBS – Programa de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento, São Paulo, v.15, n.2, p. 29-42, 2015.